

Antonádía Monteiro Borges As assinaturas de ordens de serviço ou a entrega em cartório do registro de uma nova área cedida pelo Distrito Federal para uso privado, a comemoração do início de uma construção, a visita a um canteiro de obras, a inauguração ou a reinauguração constante de uma obra configuram-se como eventos performativos cuja exploração simbólica aponta para uma afinidade específica entre a ocupação do Recanto das Emas e a expansão política nesta região².

No presente texto volto minha atenção para o *asfalto*, um dos signos³ empregados na linguagem e performance políticas locais. O objeto de interpretação nesse texto é o sistema de classificação nativo e por essa razão, menos que a referencialidade dos termos empregados (o *asfalto* qua *asfalto*), o que nos interessa é observar suas relações de significação a partir do modo de vida no Recanto das Emas. Acompanhando a analogia de Austin (1962), nossa pergunta será: o que os moradores do Recanto estão fazendo – ou seja, classificando - ao falarem em *asfalto*?

A CRÔNICA⁴

Diariamente, sempre às 11 horas da manhã, o governador Joaquim Roriz⁵ costumava honrar um compromisso que estabelecera com a população do Distrito Federal: incondicionalmente a esta hora ele deveria estar inaugurando uma obra. Essas aparições públicas do governador são realizadas qual peregrinações, em eventos-lugares (cf. Daniel 1996:56) que são os próprios locais de moradia da população, sempre nesse mesmo horário. Como pude escutar do próprio governador durante um comício seu, quem estivesse interessado em estar face à face com ele poderia

Campos 2:85-99, 2002.

simplesmente ligar para o Palácio Buriti perguntando sobre sua agenda. Ele mesmo não saberia dizer quais seriam seus compromissos no dia seguinte; sabia apenas que estaria em alguma parte do Distrito Federal inaugurando alguma obra. São esses eventos – comícios, inaugurações, visitas oficiais – ligados a um compromisso incondicional, realizados diariamente em várias cidades ao redor de Brasília, que denomino *atos de governo*.

O evento aqui contemplado será a *assinatura do asfalto*, episódio que teve lugar no Recanto das Emas no final de outubro de 2000. Assim como outros *atos de governo*, a assinatura do asfalto oferece com sua densidade e redundância ritual elementos simbólicos da cosmologia nativa imprescindíveis para quem procura decifrar o significado da política nesta comunidade⁶. Esse evento comunicativo será re-apresentado⁷ a partir de três versões distintas: a narrativa de um morador do Recanto das Emas que assistiu à solenidade no Recanto das Emas (na sexta-feira, 20 de outubro), a cobertura jornalística oferecida pelo jornal Correio Braziliense acerca do mesmo evento e minha própria observação de outra *assinatura do asfalto*, realizada na cidade vizinha de Riacho Fundo (na segunda-feira, 23 de outubro).

No dia 20 de outubro de 2000, o governador do Distrito Federal esteve no Recanto das Emas, *assinando o asfalto*. Cheguei a Brasília dois dias após esse evento. Meu primeiro contato com tal episódio se deu através da leitura do jornal Correio Braziliense⁸. A edição de sábado exibiu como matéria de capa a “ameaça” que o governador fizera à “oposição”, no dia anterior, “em solenidade organizada para anunciar o asfaltamento de quatro entrequadradas no Recanto das Emas”. O título geral da matéria, “perigo vermelho”, aludia à tônica que teria dominado o discurso de Joaquim Roriz. Várias páginas do jornal foram dedicadas ao fato, lançando mão da mesma linguagem metafórica do governador. Sem referências explícitas, todos – os que escreviam e os que eram objeto do texto jornalístico – compartilhavam tacitamente da associação entre as cores azul e vermelho e os governos de Joaquim Roriz (PMDB) e Cristovam Buarque (PT), respectivamente.

Os editores condenavam a “personalidade autoritária” e a “intolerância do governador”. Políticos e cientistas políticos locais declaravam sua repulsa pela “atitude antidemocrática” de Roriz. O então ministro da Justiça, José Gregori, declarou: “A bravata nunca é boa conselheira do homem público. Não vou permitir violência, parta de onde partir”⁹. As palavras do discurso do governador foram reproduzidas integralmente pelo jornal. No domingo uma nova matéria dava repercussão à edição anterior declarando que a “oposição” pediria o “impeachment” do governador, o que acabou acontecendo ainda naquela semana. A partir desse dia, até fins de dezembro, diariamente, o Correio Braziliense publicou todo e qualquer pronunciamento do governador que remetesse ao “perigo vermelho”.

Como não pude acompanhar esse episódio no Recanto das Emas, telefonei imediatamente para Seu Benedito. Este morador da cidade trabalha na Administração Regional (o equivalente no Distrito Federal às prefeituras municipais), o que lhe proporciona acesso privilegiado a informações que envolvam o que chamo *atos de governo*.

Seu Benedito lamentou muito o meu atraso em relação aos fatos. Para ele, a versão do Correio Braziliense era “muito negativa”, o que seria “típico de petistas”. Na verdade a vinda do governador ao Recanto fora um “espetáculo”, que ele me descreveria com detalhe quando nos encontrássemos. Combinei então de ter com Seu Benedito no dia seguinte para que ele me falasse do “espetáculo”.

Na segunda-feira, às oito horas da manhã, recebo uma ligação de Seu Benedito. Tínhamos marcado de nos ver naquele dia e antes de nosso encontro ele me chamava, alertando-me para que eu não perdesse a oportunidade de assistir a mais um “espetáculo”. Às 11 horas daquele dia o governador Roriz estaria no Riacho Fundo (cidade vizinha ao Recanto das Emas), assinando uma ordem de serviço, como fizera no Recanto das Emas na última sexta-feira.

Não tardei em chegar ao Recanto das Emas. Quando me aproximava do local onde trabalha Seu Benedito, percebi que vários carros passavam em sentido contrário, ornados com bandeiras azuis e outras com o nome de Roriz, utilizadas na última campanha eleitoral. Eram carros de correligionários que já se encaminhavam para o Riacho Fundo. Chegando à Administração Regional encontrei com Seu Benedito e sua colega, Dona Sílvia, uma pessoa que também conheço há bastante tempo. Conversamos brevemente sobre o episódio de sexta-feira. Dona Sílvia fez algumas ressalvas à opinião de Seu Benedito: “nem tudo o que saiu no jornal é verdade, mas muita coisa é”.

O EVENTO NO RIACHO FUNDO

Conversava com os dois enquanto ao nosso redor dezenas de pessoas se aglomeravam, esperando a chegada do ônibus fretado que as levaria até o local da solenidade. Eram em sua maioria funcionários da própria Administração Regional que aproveitavam o tempo de espera para se vestirem adequadamente: camisetas e bonés azuis, tarjas de pano azul amarradas à cabeça ou ao braço, bandeiras azuis, grandes e pequenas, para empunhar ao longo da manhã. Alguns já vinham de suas casas vestidos com uma roupa azul, como Dona Sílvia e Seu Benedito: ambos de jeans; ela com uma blusa toda azul e ele com uma camisa xadrez azul e branca.

Não é estranho no Brasil o fenômeno da uniformização de eleitores em época de campanha eleitoral¹⁰, com a distribuição de camisetas, bonés e até mesmo placas em frente às casas com a propaganda política de um candidato. No caso do Recanto das Emas há um certo desdobramento desse fenômeno para além do período relativo ao pleito. A mesma estratégia usada em campanha se reproduz ao longo do mandato dos candidatos eleitos. Não somente as camisetas de campanha continuam a serem usadas, ou os muros com as inscrições dos candidatos permanecem visíveis, ou as bandeiras de Roriz a tremularem. Os eleitos criam assim que são empossados

novos símbolos para os seus governos, cujos índices assemelham-se muito aos usados em campanha. No caso do governo atual de Joaquim Roriz, a cor predominante em toda propaganda oficial é o azul. Todos os chamados projetos sociais do governo levam esse índice a reboque. Não só o grande *outdoor*, mas as sacolas com a cesta básica trazem sinais garrafais do governo, assim como o saquinho de leite ou o uniforme dos escolares. Assim sendo, centenas saem às ruas todos os dias vestindo camisetas, bonés e bolsas com as inscrições do governos. Tudo em azul.

As pessoas que ali estavam, uniformizando-se, aguardavam a hora de partir para o Riacho Fundo. Esse é um grupo de especialistas, habituado a participar desses eventos. Nesse dia, por exemplo, crianças que freqüentam duas escolas de período integral¹¹ do Recanto lotavam um ônibus. Algumas delas iriam para o evento no Riacho Fundo apresentar um número artístico, onde exporiam o que aprenderam na escola: música (tambores), artes marciais e capoeira. As demais crianças assistiriam ao show dos colegas e ao comício, fazendo algazarra, segurando faixas e cartazes¹². Todas essas crianças conformam através desta tenra socialização um hábito político singular (Elias 1990).

Há ainda outros grupos que aparecem com freqüência nas solenidades, como os idosos do grupo de terceira idade ou as mulheres da associação de mulheres¹³. Aqueles funcionários da Administração Regional que ocupam cargos de confiança – como Seu Benedito, por exemplo - também devem comparecer a esses eventos. Todos *trabalharam na campanha* de Roriz e, como sentenciou uma moradora do Recanto, depois que Roriz foi eleito, ela foi também *eleita para o emprego*: “se ele sai, eu saio”.

Porém, não são a todas essas solenidades que comparecem os moradores do Recanto das Emas, como acontecia nesse dia. Embora o governador tenha o compromisso de todos os dias, às 11 horas da manhã, inaugurar uma obra, os moradores do Recanto que tomam parte nas chamadas “caravanas” vão normalmente a eventos nas cidades de Samambaia, Riacho Fundo e Taguatinga. Ao Gama, que fica ao lado, raramente alguém se dirige. Tampouco a Ceilândia ou ao Núcleo Bandeirante. Essas últimas cidades são domínios de outros deputados e esse é um ponto fundamental para compreendermos o critério utilizado para determinar as cidades para onde alguns moradores do Recanto das Emas se dirigirão em peregrinação.

A partir dos dados disponíveis atualmente é possível perceber que cada deputado distrital traz para as solenidades os administradores regionais de sua base. Cada um desses administradores vem acompanhado de alguns ônibus de moradores das cidades onde trabalham. A presença de um certo deputado no palanque está relacionada principalmente ao local da solenidade, ou seja, se se trata de uma cidade de sua base. Mas não apenas. Os deputados também têm maior ou menor proximidade em relação aos secretários de governo. Assim sendo, pode acontecer de um certo deputado subir num palanque em uma cidade que não é de sua base, se a

solenidade for relacionada à pasta do “seu secretário”. Quando isso acontece, também os “seus” administradores regionais comparecem e consigo trazem os “seus” moradores¹⁴.

Seu Benedito e Dona Sílvia nesse dia não foram com os demais funcionários no ônibus, mas de carona comigo. A cidade do Riacho Fundo é próxima ao Recanto e embora não soubéssemos ao certo onde seria a solenidade, rapidamente percebemos índices que apontavam o caminho. Dona Sílvia sugeriu: “é só seguir aquele poeirão!”. Realmente, pela larga avenida sem pavimentação, muitos carros se dirigiam ao local onde seria assinado o asfalto. Os postes que margeavam a avenida estavam todos ornados com panos azuis, o que também nos servia de bússola.

Centenas de pessoas e carros que avistávamos iam se aglomerando numa praça. Esta praça, como no Recanto, não tem qualquer edificação. Trata-se apenas de um imenso terreno quadrangular vazio em meio às quadras onde erguem-se os barracos (sejam casas ou pequenos comércios). Nessa área estava armada uma tenda branca sob a qual havia um palco, onde o governador discursaria, por ora ocupado pelos tambores dos jovens vindos do Recanto das Emas. Também um trio elétrico¹⁵ comandado por um animador oficial que acompanha todas as solenidades em que o governador se faz presente, anunciava a participação de “lideranças da comunidade” nos intervalos da apresentação de uma dupla sertaneja local. Ao estilo dos rodeios, muito apreciado localmente, esse animador se aventurava, sem ser acompanhado pela multidão: “ala-la-ô, a-la-la-ô; a vida está melhor com Roriz governador”. O trio elétrico travava uma verdadeira batalha sonora com os tambores dos meninos. O coro dos presentes cantando ou dançando era tímido. O sol a pino e o forte calor faziam com que muitos se cobrissem com as próprias faixas de agradecimento que seguravam.

Pouco antes da chegada do governador uma grande tensão tomou conta da multidão que o esperava: um redemoinho de poeira começou a se aproximar do local onde todos se concentravam. Um tufão de terra não é um fenômeno excepcional nessa região. Aqui costuma ventar muito e não raro, quando caminhando pela rua, somos atingidos por um pequeno ciclone de terra, que causa muito incômodo por onde passa, invadindo as casas, castigando quem está na rua, nas paradas de ônibus. Por alguns segundos todos se viram sendo engolfados pela poeira. Os comentários (“Olha o poeirão! Tá vindo pra cá!”) não poderiam ser distintos: tratava-se de um fato paradoxal e ao mesmo tempo gramatical a presença de todos para a *assinatura do asfalto* num lugar cercado pela poeira. Todos sentiram o que o asfaltamento da cidade significaria. O animador que estava no trio elétrico começou a urrar: “xô poeira! xô poeirão!”. Um vento mais forte, em direção contrária, desviou o redemoinho para outro lado. Como louvaram os evangélicos presentes, o tufão só se foi porque o animador assim “determinou”. Todos ficaram boquiabertos, não só com a eficácia das palavras do animador, mas principalmente por estarem avistando no horizonte – agora livre do ameaçador tufão – a chegada do helicóptero de Joaquim Roriz.

Como de costume o helicóptero se fez visível no horizonte. Ao se aproximar, sobrevoou a multidão que aguardava ansiosamente. O pouso se deu a alguma distância, onde carros negros a postos trouxeram em cortejo o governador ao local exato do discurso. Após termos perdido o helicóptero de vista, em poucos minutos o governador já estava no palco. Junto com ele o secretário de obras, dois deputados distritais e um federal, alguns administradores regionais e seus assessores. Um efetivo de uma dezena de policiais militares circulava por entre a multidão. A segurança do governador, no entanto, era garantida por homens à paisana – paradoxalmente identificados facilmente por seus trajes (paletó e óculos escuros, armas cuja silhueta é perceptível sob os casacos, fones de ouvido e walk-talks).

O animador que estava no trio elétrico anunciava agora sob o toldo a fala de cada um dos presentes. O palco ficou pequeno para tantas autoridades. Enquanto os breves discursos se realizavam, Roriz aproveitava para cumprimentar e beijar a mão das pessoas que se aglomeravam à sua frente. A seguir, em seu discurso, ele revelou: “Eu gostaria de ter arranjado um lote muito grande para vocês. O Brasil é o maior país do mundo. Não é direito que cada um não tenha o seu pedacinho de chão”. Os presentes deliravam, muitos tinham sido assentados recentemente. Porém, apesar da enfática alusão ao lote – moeda política fundamental nessas transações - o motivo da vinda do governador à cidade era outro: “aonde tiver uma rua sem asfalto, lá eu estarei”.

No Riacho Fundo não há sequer uma rua asfaltada e lá estava Roriz cumprindo sua sentença. O governador e algumas das autoridades no palanque passaram entre si uma folha de papel que iam assinando praticamente no ar. Assinar um papel era fundamental nesse momento¹⁶. Essa folha de papel representava a ordem de serviço. Logo, o governador, com o toque de sua caneta, ao *assinar o asfalto*, dava vida à obra, dava vida ao asfalto (Bloch 1993). Depois de ser muito aplaudido, o governador declarou: “Eu não tô nem aí pros adversários. Pode gravar o que eu tô dizendo. Às vezes é natural. A pessoa não esclarecida não votou em nós, mas eu não sou revanchista. Eles foram mal informados. Mas aqui só tem gente nossa. Aqui ninguém tem medo de panfleto. Aqui só tem bandeira azul, essa cor maravilhosa”. O governador referia-se em seu breve discurso ao incidente ocorrido na sexta-feira anterior no Recanto das Emas. Para tornar a solenidade do Riacho Fundo uma reprodução dos acontecimentos da semana anterior faltavam a presença de militantes petistas e um “panfleto” que inquiria: *cadê o asfalto?*

O EVENTO NO RECANTO

Minha inserção nessas solenidades se deu em geral da maneira descrita acima. Através de Seu Benedito, tanto

consegui uma família que me abrigasse, quanto participar de alguns eventos. Muito do que acontece chega a seus ouvidos, não apenas porque ele trabalha na Administração (na divisão de comunicação social, o que é importante), mas porque ele é um “agitador cultural”. Seu Benedito conseguiu seu atual posto depois de trabalhar duro na última campanha eleitoral: percorreu todo o Recanto das Emas a pé, conheceu cada quadra, cada conjunto, cada casa, cada morador¹⁷. Seu trabalho como funcionário da Administração atualmente não é outro. Sua obrigação é andar pela cidade durante a semana e comandar o som e as apresentações musicais na feira nos finais de semana. Ele mesmo diz, em tom de pilhéria, que sua função é fazer política até chegar a época da política, quando então, irá fazer política ... Como estuda à noite, Seu Benedito ainda tem conhecimento do que se passa entre os jovens, o que implica, na constelação nativa, saber o que se passa com a oposição – afinal, muitos dos jovens são petistas.

Na noite de quinta-feira da semana anterior, na hora do intervalo em sua escola, Seu Benedito recebeu um panfleto¹⁸ de um desafeto seu. O rapaz petista entregava os impressos ao sabor de um discurso contrário ao governo de Joaquim Roriz, enfatizando a falta de investimentos em educação. Para Seu Benedito as declarações do sujeito eram despropositadas: “como? um cara que nem vai à escola? como pode falar em educação?”. Segundo Seu Benedito o “cara” estava apenas acenando com a esfarrapada e vermelha bandeira petista dos investimentos em educação epitomizados pela bolsa-escola¹⁹.

Seu Benedito não titubeou, após ler o panfleto, assim que chegou à sua casa telefonou para Dona Soraia – secretária do administrador regional. Nessa noite o rumor fundamentou a preparação do encontro que se daria no dia seguinte. Não foi o conteúdo referencial do panfleto que suscitou o temor e o contra-ataque dos funcionários da Administração Regional, mas sim o modo como é simbolizado o conflito político localmente – entre azuis e vermelhos – que ofereceu os elementos necessários à construção antecipada do conflito. Como afirma Stanley Tambiah (1996:221 *et passim*), em ações coletivas em espaços públicos, há uma necessária interdependência entre rotinização e ritualização, sem a qual tais eventos não se estabeleceriam com “encenações de poder”. Fora do tempo e do espaço cotidianos, ou seja, na situação ritual, os moradores do Recanto poderiam enfrentar-se legitimamente, como azuis ou vermelhos.

Dona Soraia, ao ficar sabendo da intenção vermelha de receber o governador com tomates podres, “mexeu os pauzinhos e no outro dia o circo estava armado”, conforme Seu Benedito. O circo, no caso, não era força de expressão. Uma grande lona branca cobria o palco onde o governador e outras “lideranças” discursariam. Lá embaixo, do lado de cima da avenida empoeirada, “um povo bom de briga” à convite de Dona Soraia, “pronto pro que der e vier”. À segurança oficial que eu iria observar na solenidade do Riacho Fundo, se uniam neste dia figuras que Seu Benedito chama em sua crônica “jagunços”. Como me relatou: “até o Índio (um notório matador local²⁰) Dona Soraia chamou”.

Além desses especialistas em segurança, estavam presentes as crianças, os idosos, as mulheres da associação de mulheres. No outro lado da avenida se concentravam os militantes petistas, com “um carrinho de som, que nem fazia se ouvir”, como me descreveu Seu Benedito. Toda a avenida estava tomada de gente e de carros, como eu veria no Riacho Fundo. Militantes com bandeiras azuis eram os únicos a ocupar a rótula das emas, monumento principal da cidade, onde emas gigantes feitas por um artista local com material reciclado, sinalizam a entrada do Recanto.

Através do relato grandiloqüente de Seu Benedito é possível perceber a importância social da crônica, ou seja, da possibilidade de contar a história e ao contá-la criá-la. Pretendo discutir apenas com esse exemplo a importância da recuperação de certos eventos na constituição de uma noção particular de participação na história que se conta. O evento oferece o enredo sobre o qual variações são investidas. Cada variação, como a de Seu Benedito, nos traz um modo particular de conhecer/conceber o evento. Segundo ele, a quantidade de homens e mulheres envolvidos nessa manifestação era enorme. Todos aguardavam ansiosamente a chegada do governador. Com o passar do tempo mais insultos eram trocados entre a parte de cima (azul) e de baixo (vermelho) da avenida²¹.

Os postes foram adornados com pedaços de tecido azul, como no Riacho Fundo. No dia anterior, Seu Benedito junto com um colega motorista subiram em todos os postes amarrando os tais panos. Com eles o caminho estava sinalizado, de certo modo, unguído. Algumas funcionárias ligadas à Dona Soraia, munidas de tesouras e alfinetes, cortavam os rolos de papel e tecido azul disponíveis para vestir a multidão.

Os manifestantes pró-Roriz, como Seu Benedito, Dona Sílvia e Dona Soraia, trabalham dia e noite, conforme dizem “de segunda a segunda”, para “manterem as coisas em ordem”. Trabalham no seu horário de serviço (na Administração Regional, na frente de trabalho ou em algum posto obtido através de uma carta de indicação assinada por um deputado, senador ou administrador regional) e fora deste. Trabalham para continuarem trabalhando, como fez questão de esclarecer Seu Benedito, pois seus cargos de confiança dependem da reeleição de Roriz. Caso permaneça no cargo, há chances de o governador manter seu secretariado e também o quadro de administradores regionais indicados. Essa chance de manter-se ativo (empregado, fazendo política, indo à rua – o que Seu Benedito “mais gosta de fazer”) aumenta um pouco, caso os deputados para os quais “se trabalha” também forem eleitos. Quando isso acontece o mundo dos gabinetes abre suas portas.

Toda essa constelação de tipos diferentes se reunia ali, na avenida principal do Recanto das Emas. Do lado do toldo-palanque os partidários do governador, do outro lado da avenida, seus opositores. Os primeiros vestidos de azul em oposição aos de vermelho. A potência de cada alto-falante dava vazão a emocionados discursos dos presentes de ambas as cores, insultados com o inimigo, empolgados com a sua própria presença. O clima de animosidade foi crescendo gradualmente. Segundo Seu Benedito, nenhum conflito ultrapassou a forma do insulto verbal.

Com a presença do governador – ovacionado pelos dois lados da avenida, uns aplaudindo, outros xingando – os notórios nomes da política local começaram a discursar. O administrador regional, alguns deputados, o secretário de obras, todos falaram rapidamente, procurando se restringir ao motivo do evento – à *assinatura do asfalto* – e, o que foi o deleite de Seu Benedito, ignorando a presença adversária. Quando foi ter lugar a última fala, a do governador, o alarido petista não passou despercebido. As primeiras palavras do governador foram de advertência. Os presentes que fossem “da cor que não é azul” corriam risco. Ele se referia assim aos militantes petistas, identificados pela cor vermelha de suas bandeiras. Porém, seu discurso tomou um rumo inesperado, que surpreendeu Seu Benedito – para Joaquim Roriz, quem lhe fazia oposição havia sido enganado por quem tinha “ódio no coração” (os vermelhos) e, portanto, devia ser perdoado: “tenham o meu perdão”, disse o governador.

Para Seu Benedito, os petistas foram desonrados pelo governador. Essa atitude solene e benevolente ultrajara os petistas que, em menor número, não ousaram cruzar a avenida em nenhum instante. O discurso de Roriz foi breve. Lembrou de suas realizações passadas, principalmente, o fato de “ter arrumado lote” para aqueles que estavam na invasão. Porém, o objeto principal de seu discurso era a pavimentação da cidade: “eu vim para trazer o asfalto”. Fazendo alusão à sua bandeira, cuja cor parece o céu, e parafraseando um ídolo popular²², encerrou seu discurso dizendo “Não sei se nós subimos ou se o céu desceu”. O clima beligerante que se instalou não deu lugar a nenhum conflito aberto, mas deixou, aos olhos de Seu Benedito, petistas desonrados e rorizistas em êxtase.

Esse evento comunicativo (cf. Daniel 1996:73 *et passim*) estava sendo gravado por jornalistas do Correio Braziliense, que publicou o discurso de Joaquim Roriz na edição do dia seguinte, considerando-o “violento e totalitário”. O que mais chamou minha atenção ao ouvir a versão de Seu Benedito – acrescida de alguns comentários de Dona Sílvia – foi o fato de a ênfase de sua narrativa recair sobre o conteúdo do discurso do governador, sem no entanto considerá-lo antidemocrático, como tão enfaticamente declararam os jornalistas do Correio Braziliense. Pelo contrário, para Seu Benedito, com aquele discurso “o povo se animou”. Todos ficaram novamente motivados para sair às ruas e voltar a trabalhar na política. Tanto os azuis, quanto os vermelhos.

Localmente as fidelidades partidárias ressurgiram a partir da *assinatura do asfalto* num tempo que não era o das eleições, acirrando conflitos que supostamente estavam adormecidos. Opondo vermelhos a azuis, ou seja, petistas a rorizistas, o discurso de Joaquim Roriz, nessa solenidade, inaugurou um novo símbolo para a crônica política local. A partir daquele dia a poeira, a lama ou o asfalto se tornaram verdadeiros símbolos políticos. A compreensão de cada um acerca desses símbolos passou a conter também uma revelação de sua posição política. O asfalto veio se opor à poeira e à lama. O “tapete negro”²³ substituiria o vermelho da paisagem, o vermelho da lama e da poeira – o mesmo vermelho que identifica também a administração anterior e os seus militantes, os petistas. Defender o asfalto, sob um ou outro ponto de vista, passou a ser uma forma de localizar os sujeitos no espectro de afinidades políticas disponíveis.

A VIDA E A VIDA POLÍTICA NO RECANTO DAS EMAS

Ao dizer: “voltarei sempre para inaugurar o asfalto”, o governador Joaquim Roriz deixa explícita uma realidade que muito lentamente ficou clara aos meus olhos: a necessidade de não se cumprir por completo nenhuma promessa. Essa necessária forma de conduzir a vida – de jamais dar algo por acabado - não se restringe obviamente aos políticos, muito menos aos políticos com “amor” ou com “ódio no coração”, azuis ou vermelhos. O sentido da promessa política está inscrito num quadro mais amplo e somente por isso tem legitimidade e sentido (Weber 1993). Para “voltar sempre” é necessário que sempre haja ruas por asfaltar – nesse caso específico, espaços vermelhos a se combater.

Suponhamos, como fez Dona Lourdes, esposa de Seu Benedito, que um dia todas as ruas do Recanto fossem asfaltadas. Ela trabalha como diarista no Plano Piloto, e não se ilude: “até no Lago Sul (bairro habitado por pessoas ricas) tem poeira”. A casa onde Dona Lourdes mora é uma espécie de microcosmo do Recanto. A exemplo da cidade, ela também tem telefone (há praticamente um telefone público em cada esquina), mas nem sempre consegue pagar a conta (os orelhões nem sempre funcionam a contento). Na verdade, ela poderia pagar a conta telefônica com seus rendimentos, assim como poderia terminar de pintar sua casa, deixar tudo “na cerâmica” – mas, se o fizesse, talvez seu marido não sentisse mais necessidade de trabalhar ou acabasse repetindo o drama que viveram no Piauí, quando ele perdeu o emprego, o que os obrigou a vender a casa onde viviam. O dinheiro é escasso, mas o que leva Dona Lourdes a empreender reformas pontuais no seu barraco é principalmente o receio de não ter mais o que fazer. Como essa tarefa (reformular o barraco) é atribuição sua – e não de seu marido -, sem acabar a construção, Dona Lourdes garante sentido às suas vidas. O salário de Seu Benedito é depositado no banco e ela fica com o cartão magnético. Sempre que ele precisa de algum dinheiro (2 ou 3 reais, como já pude presenciar) é obrigado a lhe pedir, o restante fica com ela. Essa complementaridade mantém os dois unidos numa relação de troca a que cada um atribui significados distintos, em cada momento particular.

Os próprios nativos sentem a diferença, percebem a sutileza de suas vidas e de seus símbolos: “há muita teoria indígena nisso”, nos diz Marcel Mauss (Mauss 1974b:74). O que o antropólogo tem a fazer é procurar esses sinais que revelam o sistema de classificação. Não por acaso o asfalto vem se opor à poeira no Recanto das Emas. Asfaltar a cidade seria como deixá-la toda “na cerâmica” – sem dúvida ficaria bonito, fácil de limpar, mas a que preço? A reciprocidade correria o risco de se extinguir e qual seria a razão de ser daqueles que trocam entre si? Entre Dona Lourdes e Seu Benedito? Entre Seu Benedito e Joaquim Roriz?

Esse tipo de fenômeno que encontramos no Recanto, expressa uma forma simbólica de conceber e portanto de crer na política. Uma sociedade como a do Recanto das Emas não só se organiza em multidão, mas simboliza

tudo em multidão. Cidades de 100 mil habitantes. Terrenos com 3 ou 4 casas. Casas com 8 ou 10 pessoas. Essa forma de se organizar (as representações, portanto) é uma forma de simbolizar, uma linguagem. A magia do lote (ou da troca de lotes) ou do asfalto também estrutura-se como uma linguagem. A magia, como o rito, “é uma espécie de linguagem, pois que é a tradução de uma idéia” (Mauss 1974a:90). E a linguagem não é função de algo (da morfologia, ou do ritual). Ela é autônoma na medida em que os símbolos representam categorias (idéias do espírito) que lhe são anteriores (sociais, não por coerção, mas por socialização em multidão). A magia é coletiva e os eventos-lugares (Daniel 1996) que são as solenidades das 11 horas da manhã fazem parte da socialização das pessoas que vivem no Recanto das Emas. É dessa socialização, dos eventos que a compõem, que devemos falar para compreender sua vida (e sua vida política).

O asfalto é o símbolo por excelência da linguagem compartilhada pelos recantenses e os políticos do Distrito Federal. É o “na cerâmica” quando se tem a cidade em mente. Roriz parece conhecer as propriedades dos símbolos que ele põe em contato nos ritos. Ele, como a população, não está acima da cosmologia, mas sugestionado por ela. Prova disso é que em dezembro do ano passado, após a reação adversa ao seu discurso anterior, o governador Roriz voltou ao Recanto. Alguns dos presentes começaram a gritar: “PT nunca mais! PT nunca mais!” A reação de Roriz não foi propriamente cautelosa: “Não sou eu quem está falando, mas também acho”. Mais ainda, pediu aos presentes que colocassem bandeiras azuis em suas casas, explicando o ato mágico: “Vocês sabiam que o demônio não pode ver uma cruz que foge? A bandeira azul vai fazer eles correrem”²⁴.

Lembro que certo dia, após ter caminhado muito pelo Recanto das Emas, entrei na casa de Seu Benedito, cujo comentário foi esclarecedor: “Se você chegasse agora no Plano Piloto, você nem precisaria dizer de onde estava vindo. Com esses sapatos e essa roupa que é só poeira, todo mundo ia pensar que você era uma recantense”. Qualquer outro signo de distinção que pudesse me afastar do estigma ou da glória de ser “recantense” não eram mais fortes do que a tonelada de poeira vermelha que eu trazia em minhas roupas. A poeira me aproximou de suas experiências. Ao escutar Seu Benedito, soube o que significava para ele a vida longe do “tapete negro” sobre o qual é possível caminhar sem levar a marca da poeira.

Antonádía Monteiro Borges é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de Brasília e pesquisadora do Núcleo de Antropologia da Política (NuAP).

NOTAS

- 1 Um versão anterior deste texto foi apresentada no Encontro Nacional do NuAP, no inverno de 2001. Agradeço a todos os colegas presentes naquela ocasião e, especialmente, a Mariza Peirano as valiosas contribuições. Destaco do conjunto de comentários, as muito adequadas sugestões do parecerista anônimo. Agradeço, enfim, a revisão firme e constante de Marcelo Carvalho Rosa. Assumo totalmente as atuais inconsistências deste fragmento de uma etnografia em andamento, para a qual muitos têm contribuído arduamente.
- 2 O Recanto das Emas é uma cidade do Distrito Federal situada a 32 quilômetros de Brasília. Com mais de 100 mil habitantes, foi criada – por decreto – em 1993 “para atender o programa de assentamento do GDF (Governo do Distrito Federal), que *visava retirar as favelas que se formavam nas áreas urbanas*”. (Cf. <http://www.recanto.df.gov.br/Historico.html> - ênfase minha). Formado a partir da prerrogativa estatal de concessão de terras, o Recanto das Emas é o signo de um mercado que denomino *mercado político de terras*, onde a vertiginosa concentração populacional da cidade vincula-se à política (habitacional) do governo distrital, que qualificou-a como uma espécie de depósito, ou seja, como base territorial para a concentração de “invasores” do Distrito Federal. Alguns conceitos nativos que gravitam em torno do fenômeno “invasão” são apresentados etnograficamente em Borges (2000).
- 3 Signo é aqui definido nos termos de Charles Peirce como “um representâmen do qual algum interpretante é a cognição de um espírito (Peirce 1977: 51) ... signo é tudo aquilo que está relacionado com uma Segunda coisa, seu objeto, com respeito a uma qualidade, de modo tal a trazer uma Terceira coisa, seu interpretante, para uma relação com o mesmo objeto, e de modo tal a trazer uma Quarta para uma relação com aquele objeto na mesma forma, ad infinitum (idem: 28)”.
- 4 Tomo esta noção de *crônica* de Valentine Daniel, para quem “the chronicle, though it may not be history, provides the template upon which the historical narrative (and even nonnarrative history) could be written” (Daniel 1996:50). Essa idéia é fundamental, pois a partir da crônica é possível construir uma história ou uma etnografia.
- 5 O atual governador, Joaquim Domingos Roriz (PMDB), cumpriu seu primeiro mandato entre 19 de setembro de 1988 e 09 de março de 1990, data em que pediu exoneração a fim de concorrer nas primeiras eleições diretas do Distrito Federal. Antes disso fora nomeado prefeito de Goiânia em 1987. Roriz saiu vencedor do pleito de 15 de novembro de 1990, governando o Distrito Federal até o final de 1994. Em 1998 concorreu mais uma vez, vencendo o então governador Cristovam Buarque (PT). Este é portanto o terceiro mandato do governador.
- 6 Nos termos de Peirce (Peirce 1998) uma comunidade é formada por possuidores de hábitos culturais semelhantes, o que os faz compartilharem dúvidas e crenças acerca do mundo. Crenças e dúvidas em comum conformam pois, ainda segundo Peirce (1998), uma comunidade que compartilha os mesmos hábitos. Como o significado de uma proposição é sempre outra proposição, há um envolvimento dos membros desse tipo de comunidade em um processo contínuo de tradução ou interpretação. E o significado tido como legítimo pela comunidade (ou seja, considerado correto) é dado pela força do hábito. É o hábito que faz do particular, geral, e, conseqüentemente, deste geral a referência para o particular.
- 7 Re-apresentação é a livre tradução que faço do termo **recover**, empregado por Valentine Daniel da seguinte maneira: “Given the form and content of the ethnographic material, to take sides on this question would be to settle on a metanarrative that would undermine these contradictory impulses which I found to constitute the very ‘communicative events’ I wish to analyze. To **recover** is not the same as to uncover or to discover” (Daniel 1996:73. Grifo meu).
- 8 Trago entre aspas transcrições *ipsis litteris* do texto jornalístico.
- 9 Para um etnografia deste fenômeno político chamado bravata ver especialmente Teixeira (2000).
- 10 Irllys Barreira constrói uma análise minuciosa dos “ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil” em seu livro *Chuva de Papéis* (Barreira 1998).
- 11 Essas crianças, mobilizadas para as ocasiões que aqui denomino *atos de governo*, são comumente designadas como crianças carentes, em situação de risco social – também ditas delinquentes. Nessas escolas onde estudam há creche e jardim de infância para os pequenos. Os maiores dedicam-se a alguma atividade lúdica ou profissionalizante: jogam futebol, fazem pão, lutam capoeira, aprendem marcenaria ou informática.

- 12 As faixas utilizadas em eventos do Governo do Distrito Federal e das Administrações Regionais são produzidas em grande quantidade e seguem sempre um mesmo padrão: amarelas com letras azuis. Há ainda as bandeiras brancas com a inscrição RORIZ, utilizadas na última campanha eleitoral e que ainda são produzidas para essas ocasiões.
- 13 Tanto a presidente do grupo de idosos, quanto a da associação de mulheres concorreram à câmara distrital na última eleição. Ambas não foram eleitas, mas conseguiram cargos no governo por terem “trabalhado na campanha”. Esta função de confiança lhes permite continuar o “trabalho político de liderança comunitária”, como me explicou Dona Jurema, do Grupo da Terceira Idade Beija Flor.
- 14 A etnografia dos comícios realizada por Palmeira e Heredia (1995) também apresenta, noutro contexto etnográfico, a relação entre a obrigatória expressão dos sentimentos e as demonstrações públicas de lealdade e simpatias políticas.
- 15 Os deputados também lançam mão de cores que os identifiquem fora do período eleitoral. Esse trio elétrico é pintado com as cores azul e verde, uma composição que indica o seu proprietário: um deputado federal, que é também o secretário de obras.
- 16 Acerca da sugestão simbólica exercida pelos “papéis” em nossa sociedade, ver especialmente Peirano (2001).
- 17 Essa estrutura urbanística é comum a todas as cidades do Distrito Federal: a cidade é dividida em setores, que são divididos em quadras e cada quadra segmentada em conjuntos. Os conjuntos são formados por lotes contíguos. Em cada lote pode haver um ou mais barracos, uma ou mais casas.
- 18 Reproduzo aqui o texto do panfleto. Chamo atenção aos termos nativos empregados, especialmente à “construção deste evento”:
- Partido dos Trabalhadores
Convite
O Diretório Zonal do Partido dos Trabalhadores no Recanto das Emas, convida toda a comunidade Recantense para o Ato Público em defesa do ASFALTO COM ÁGUAS PLUVIAIS PARA TODO O RECANTO. Vamos juntos cobrar do senhor governador Joaquim Roriz o início imediato das obras, prometido para o começo de outubro de 2000.
Não vamos permitir que a construção do asfalto para o Recanto se transforme em mais um estelionato deste Governo.
Desde já, contamos com seu apoio na *construção deste evento*.
ATO PÚBLICO EM DEFESA DO ASFALTO
LOCAL: AO LADO DO MERCADO VIP (Q. 205)
HORÁRIO: 9h
DATA: 20.10.00 (sexta-feira)
- 19 Ao abordar a relação de complementaridade que existe entre determinados signos dispostos na linguagem política local é possível por ora observar como tanto a BOLSA-ESCOLA, como a categoria OBRAS (e dentro desta, o lote ou o asfalto, por exemplo), operam dentro da mesma lógica de reciprocidade, própria deste mercado político.
- 20 O Índio é um sujeito que carrega muitas mortes nas suas costas. Ninguém quer entrar em conflito com ele e por isso mesmo sua presença garante uma certa tranquilidade nervosa – como o sabem bem, por exemplo, os donos de barracas na feira, que durante os finais de semana vêem a presença do Índio como um mal necessário. Para uma etnografia de fenômeno semelhante, ver Barreira (1998).
- 21 Nunca é vão relembrar o que nos diz Roberto Da Matta a esse respeito: “... a sinalização tão banalizada no universo social brasileiro do ‘em cima’ e do ‘embaixo’ nada tem a ver com altitudes topograficamente assinaladas, mas exprime regiões sociais convencionais e locais” (Da Matta 1987: 32)
- 22 Quando conversamos na segunda-feira, Dona Sílvia, emocionada, lembrou que o Governador até mesmo cantara uma música do Pe. Marcelo Rossi. O fato de o governador fazer alusão à música do popular Padre Marcelo aproxima-o muito de seus eleitores, que têm o seu gosto reconhecido.
- 23 O animador que comandava o trio elétrico nas aparições do governador, ao se referir ao asfalto, tratou de qualificá-lo como “tapete negro”. Nesse caso a função poética (Jakobson s/d) reforça o sentido estético não explicitado quando fala-se do asfalto apenas em sua referencialidade.
- 24 Cf. Jornal de Brasília.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J.L. 1962. *How to do things with words*. Cambridge: Harvard University Press.
- BARREIRA, C. 1998. *Crimes por Encomenda*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- BARREIRA, I. 1998. *Chuva de Papéis*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- BLOCH, M. 1993. Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras.
- BORGES, A. 2000. "Os signos de uma invasão: espaço e política no Distrito Federal". In: PEIRANO, M.G.S. (org. e intro.). *Análise de Rituais. Série Antropologia* 283. Brasília. Universidade de Brasília.
- DA MATTA, R. 1987. "Casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil". In: *A casa e a Rua*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. pp. 31- 69.
- DANIEL, E. V. 1996. *Charred Lullabies: chapters in an anthropography of violence*. Princeton: Princeton University Press.
- ELIAS, N. 1990. "Esboço de uma Teoria da Civilização". In: *O processo Civilizacional* vol. II. Lisboa: Dom Quixote. Pp. 187-265.
- JAKOBSON, R. s/d. *Linguística e Comunicação*. São Paulo. Editora Cultrix.
- MAUSS, M. 1974 a. "Elementos para uma teoria geral da magia". In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo. EPU/EDUSP.
- _____. 1974 b. "Ensaio sobre a Dádiva. In: *Sociologia e Antropologia* vol. II. São Paulo. EPU/EDUSP.
- PALMEIRA, M. e HEREDIA, B. 1995. "Os comícios e as Políticas de Facções". *Anuário Antropológico* 94, Rio de Janeiro.
- PEIRANO, M. 2001. "This horrible time of papers": documentos e valores nacionais. Mimeo.
- PEIRCE, C. S. 1977. *Semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- _____. 1998. *Chance, Love, and Logic* [COHEN, M. R. (ed.)]. Lincoln. University of Nebraska Press.
- TAMBIAH, S. J. 1996. *Leveling Crowds: ethnonationalist conflicts and collective violence in South Asia*. Berkeley: University of California Press.
- TEIXEIRA, C.C. 2000. Das Bravatas. Mentira ritual e retórica da desculpa na cassação de Sérgio Naya. *Série Antropologia* 274. Brasília. Universidade de Brasília.
- WEBER, M. 1993. *Economía Y Sociedad*. Madrid: Fondo de Cultura Económica.

RESUMO

A política no Recanto das Emas é vivida através de experiências concretas. Assim sendo, a partir da etnografia de um evento – a *assinatura do asfalto* – recuperamos uma associação nativa entre o governo atual e a pavimentação da cidade. Para os adeptos do atual governador, a poeira e a lama, que estigmatizam a cidade e sua população, evocam o governo passado. No presente texto procuro explorar essa vinculação entre asfalto e azuis (cor-ícone que remete à figura do atual governador) e entre poeira ou lama e vermelhos (atributo derogatório, construído pelos azuis, para alcinhar a oposição). Um desdobramento dessa analogia, evidenciamos no caráter interminável das obras estatais (como a pavimentação, por exemplo), onde as inaugurações servem para que o governador materialize seus feitos ante seus adeptos, desfraldando a bandeira azul face a seus inimigos preferenciais.

ABSTRACT

Politics is a living experience in Recanto das Emas, a satellite-city around Brasília. The pavement that arrives now to the city is a symbol concerned both to the inhabitants and the local politicians. An especial event helps us recover the native association between the governor and the asphalt. The governor's supporters link the swamp and the dust to the former government, named pejoratively as "the red". At the same token, the pavement is associated with the blue – a trademark built by the present governor. Perpetuating that association (between the color red and the past administration and the today's government and the color blue), the governor has found a magic formula: every day, during an inauguration, he materializes his deeds, showing to his followers the efficacy of the blue power against the red one.